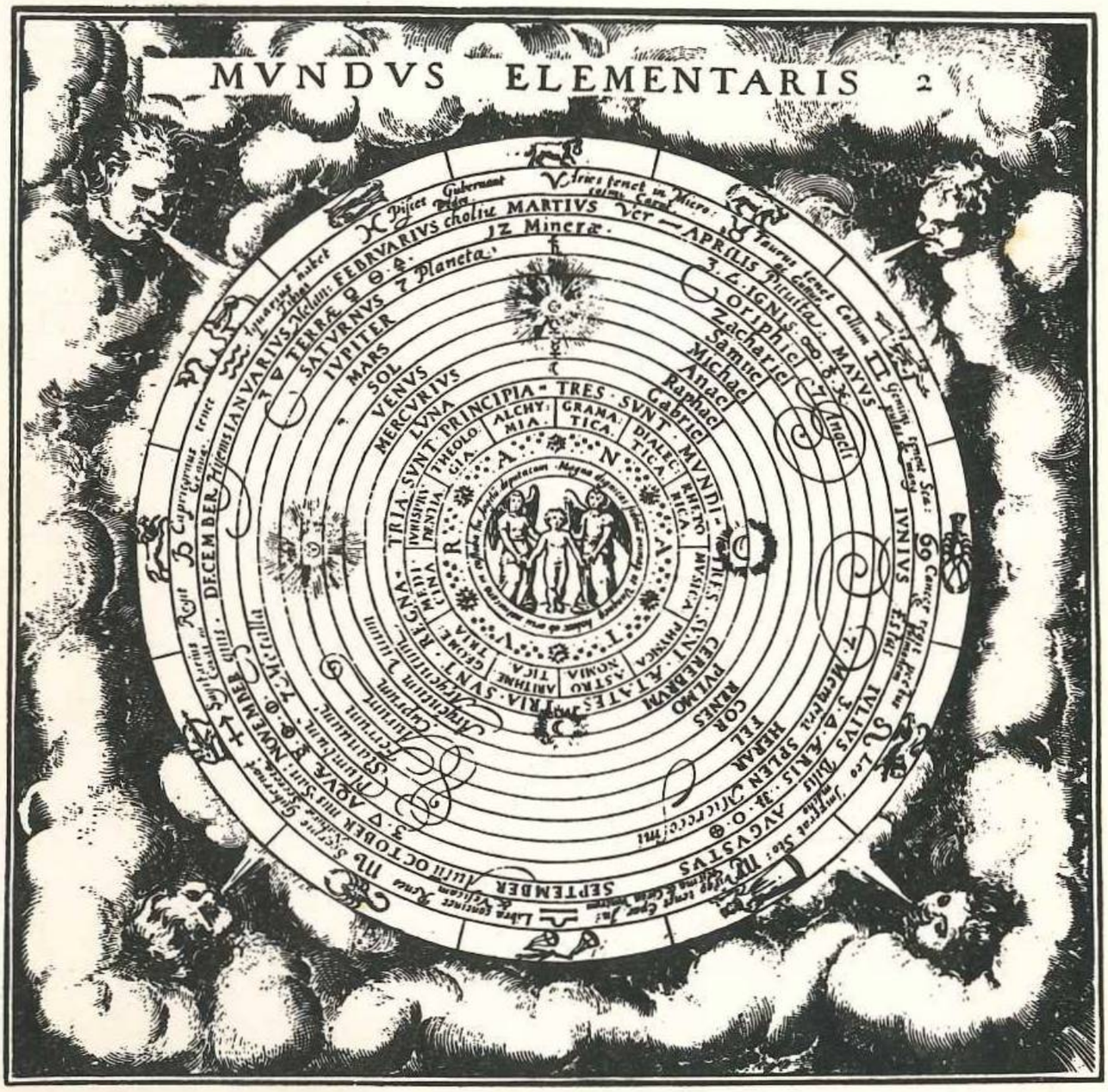
IVPITER



A Astrologia na Universidade

Um texto de Emy de Mascheville

Astrologia e teoria do conhecimento

Os astros na medicina medieval

JÚPITER — Revista de Astrologia. Publicação Trimestral Ano I/Nº0/Fev./1979

IVPITER

JÚPITER — REVISTA DE ASTROLOGIA. PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL. ANO I, nº 0 (PILOTO). SÃO PAULO, 17 FEVEREIRO 1979, 10H00 AM.

Diretor de Redação Olavo de Carvalho
(Reg. M. T. 8860) *Redação e colaboradores*
Antonio Carlos Harres (Redator-chefe) - Maria Inês Arieira Harres - Emma Costet de Mascheville (Porto Alegre) - Carlos Asp (Florianópolis) - Maria Eugênia de Castro (Rio) - Juan Alfredo César Müller
Mary Lou Simonsen

Editado e distribuído por
DEUCALION DIFUSÃO CULTURAL
e
CENTRO DE PESQUISA E DIFUSÃO DE ASTROLOGIA CIENTÍFICA
r. Cardoso de Almeida, 1005, casa 1, São Paulo SP - fone 864-6603
Planejamento gráfico e composição
Andrade & Barbosa Associados Ltda.
r. General Jardim, 608, São Paulo SP - fone 256-3146
Impressão

QUICK COPY CENTER ARTES GRÁFICAS LTDA.
Rua Dr. Vila Nova, 150 – CEP 01222 – São Paulo
Fone: 257-1396 – 257-9669

Publicação filiada à ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ASTROLOGIA

Número avulso: Cr$ 50,00
Assinatura anual (4 números): Cr$ 200,00
Número atrasado: Cr$ 70,00.

Índice

CARTA DO EDITOR 3
Propósito

ENTREVISTA 4
Juan Alfredo César Müller e a volta da astrologia à universidade

COMENTÁRIO 11
Destino ou livre-arbítrio por Emy de Mascheville

ENSAIO 14
Astrologia e teoria do conhecimento (I) por Olavo de Carvalho

ANÁLISES & PROGNÓSTICOS 22
Aspectos e posições planetárias no plano mundial por Antonio Carlos Harres

CLÁSSICOS DA ASTROLOGIA E DO HERMETISMO 26
O conhecimento hermético da natureza vivente por Julius Evola
Signaturas celestes na medicina medieval por Léon Vannier

SEÇÕES 29

Quadrantes

Livros

Propósito

Na mitologia, assim como na tradição astrológica, Júpiter governa a ordem e a harmonia entre as partes do organismo cósmico. É uma divindade benevolente, que acolhe e protege, mas é também o gerador dos grandes entusiasmos, dos impulsos generosos que arrebatam o homem para a busca de novos e mais amplos horizontes.

Sob a divisa desse nome e a inspiração desse arquétipo, **JÚPITER**, *primeira revista de astrologia de circulação nacional, pretende reunir astrólogos de todos os grupos, correntes e escolas, oferecendo-lhes ao mesmo tempo um estímulo e um instrumento para a divulgação do seu trabalho, de modo que este possa contribuir para a abertura de novas possibilidades culturais no país.*

Fiéis às palavras que subscrevemos no ano passado, na **Declaração** *do I Colóquio Brasileiro de Astrologia, julgamos ter soado a hora para o ingresso do pensamento astrológico no panorama da cultura nacional. Acreditamos que se trata de uma necessidade básica e urgente, tanto para os astrólogos, que devem assim sair dos seus redutos e submeter seu trabalho, corajosamente, ao olhar crítico do público, quanto para os estudiosos em geral, que encontrarão na abordagem astrológica a possibilidade viva de novas sínteses e novas visões, de espantosa claridade e coerência, sobre a vida humana no universo.*

A urgência de um exame e de uma recuperação da tradição astrológica é reconhecida por todas as vanguardas criadoras do pensamento mundial, que tendo à frente um Lévi-Strauss, um Gilbert Durand, um Raymond Abellio, buscam um enfoque abrangente que possa integrar, num sistema orgânico, os amontoados dispersos de conhecimento que a ciência dos dois últimos séculos nos legou. Nos últimos cinqüenta anos — contra todo conformismo acadêmico e contra toda a desfiguração promovida pelos meios de comunicação de massa — homens como Jung, Gabriel Marcel, Henry Miller, André Breton, Gaston Bachelard, Wolfang Pauli, Arthur Koestler e tantos outros, contribuiram para restaurar a verdadeira fisionomia do sistema astrológico, levando a mente moderna a reencontrar a beleza e a complexidade de um dos maiores edifícios intelectuais que a humanidade já concebeu. Hoje sabe-se que, no esforço de integração do conhecimento, o enfoque astrológico é uma ferramenta preciosa e essencial. E não é preciso ressaltar a urgência e a sede com que a cultura moderna, ao emergir de uma época de fragmentação, que havia reduzido o homem a um amontoado de estilhaços, aspira pela reconstituição de um universo que já não seja a ratoeira cósmica, que nos aprisiona entre as molas do agenciamento mecânico das causas e efeitos, mas, novamente, a Casa do homem, seu caminho, seu destino e seu significado.

No momento em que a universidade brasileira, num gesto de pioneirismo e coragem, segue o exemplo da universidade suíça e alemã e abre suas portas ao ensino da astrologia (v. reportagem na pág. 4), a passagem de Urano — planeta significador da astrologia — pela culminação superior do céu astrológico do Brasil, representa um chamado que hoje temos o dever e a possibilidade de atender.

O propósito de **JÚPITER** *é contribuir para que a imensa riqueza representada por milênios de investigação e arte astrológica possa chegar até os estudiosos brasileiros e fecundar com novas sugestões, com novos enfoques e uma nova linguagem a criação permanente da cultura nacional. De uma cultura que, tendo superado todo provincianismo e toda inibição intelectual, se abra, frondosa e viva, para o desafio de pensar o homem em escala cósmica.*

O.C.

Juan Alfredo César Müller: a universidade abre as portas à astrologia.

O que pensa sobre a astrologia o homem que vai dar o primeiro curso universitário dessa arte no Brasil? Uma entrevista com o dr. Juan Alfredo César Müller, psicólogo clínico, ex-aluno de Szondi e Jung, que estudou astrologia com Frankhauser e não hesita em pedir o mapa astrológico de seus clientes, como instrumento diagnóstico comparável ao Rorschach ou ao Teste das Pirâmides Coloridas.

Três décadas atrás, o estudante de psicologia Juan Alfredo César Müller, argentino de pais suíços, assistiu em Zurich ao primeiro curso de astrologia proferido numa universidade desde o famoso decreto de Colbert, ministro de Luíz XIV, que extinguiu a cátedra dessa disciplina na Sorbonne.

No dia 23 de março próximo, às 20h00, com Urano nascente e o Sol a 1°. de Áries em sêxtil com a Lua em Aquário e em trígono com Júpiter entrando em Leão, o dr. Juan Alfredo César Müller, psicólogo clínico, vai proferir na PUC de São Paulo o primeiro curso de astrologia já realizado numa universidade brasileira.

O curso do dr. Müller — "Astrologia Clínica" —, improvável como parece num país onde a astrologia, mesmo para o público letrado, ainda se confunde com os horóscopos diários dos jornais, será proferido em nível de extensão, para diplomados de qualquer área, e resulta, de um lado, do esforço de várias décadas empreendido pelos pioneiros que lutaram pelo reconhecimento da astrologia no Brasil, e de outro da coragem e do espírito aberto do Departamento de Extensão Cultural dessa Universidade. Para os astrólogos, é o fato mais importante de toda a história da astrologia em país.

Juan Alfredo César Müller nasceu em Buenos Aires, em 27 de junho de 1927, tem o Sol e a Lua em Câncer, Saturno no Ascendente em Sagitário e um **stellium** *em Leão entre a IX e a X Casas, em trígono com a conjunção*

Júpiter-Urano na V. É conhecido como um dos mais eficazes psicólogos clínicos de São Paulo, onde preside a Sociedade Brasileira de Szondi, sociedade científica destinada ao estudo e divulgação de obra do psiquiatra húngaro L. Szondi, que foi seu mestre em Zurich. Müller também estudou com Jolande Jacobi, a principal colaboradora de Jung, com Max Pfister, o inventor do teste das pirâmides coloridas, Pulver, Koch, Schneider, Ungricht e outros criadores da moderna psicologia. Assistiu ao curso do astrólogo Frankhauser, em Zurich, por sugestão pessoal de Carl-Gustav Jung, que fora o responsável pela admissão dessa disciplina na universidade local.

*No Brasil, publicou dois livros (***Alquimia Moderna** *e* **A magia da Vida**)*, além da tradução de uma obra de Ungricht e outra de Szondi. Tem dado vários cursos em sociedades médicas. Na prática da psicologia clínica, tem defendido corajosamente o emprego da astrologia como instrumento diagnóstico e a necessidade de uma fusão entre a psicologia moderna e o conhecimento hermético e mágico do passado. Foi presidente da Associação Brasileira de Astrologia e um dos organizadores do I Colóquio Brasileiro de Astrologia, realizado em São Paulo no ano passado. Foi a partir deste Colóquio (que reuniu pela primeira vez os astrólogos brasileiros de todas as correntes) que se criou, progressivamente, o ambiente propício ao retorno da astrologia à universidade, que ocorre justamente no momento em que Urano (planeta significador da astrologia) transita pela Décima Casa do horóscopo do Brasil.*

Nesta entrevista, realizada em sua casa no bosque da Cantareira, em São Paulo, o dr. Müller fala um pouco da sua concepção da astrologia e relata seus primeiros encontros com os raros astrólogos brasileros numa época em que ser astrólogo era condenar-se ao isolamento.

Da equipe de entrevistadores participaram, a convite da revista **JÚPITER**, *Walter Alvarenga, professor de sânscrito e Vedanta, ex-aluno de Swani Dayananda na Academia de Estudos Védicos Sandeepany Sadhanalaya de Bombaim; Antonio Carlos Herres, astrólogo, diretor do Centro de Pesquisa e Difusão de Astrologia Científica e redator de* **JÚPITER**; *Olavo de Carvalho, diretor de redação de* **JÚPITER**; *Maria Inês de Arieira Harres e Maria Luiza Simonsen, estudantes de astrologia; Arno Meillet, astrólogo.*

Olavo: *O que é astrologia?*

MÜLLER: *Vamos primeiro cumprimentar Olavo e sua revista* **Júpiter**, *desejar boa sorte para todos vocês que estão com a revista e esperar que ela venhar a ser o veículo da futura Federação Brasileira (ou Sul-Americana) de Astrólogos. Será, se Deus quiser, e Deus é Júpiter, portanto Deus vai querer. Então você me pergunta o que é astrologia. Bom, astrologia, você sabe, eu sempre digo que é uma linguagem, e o tema astrológico é uma amostra dessa linguagem. Por ser uma linguagem, nós podemos fazer com a astrologia tudo, podemos fazer psicologia, medicina, história, etc. E é uma linguagem curiosa, porque ela* **coisifica** *os momentos, os momentos em que nascem as coisas que fabricamos, os fatos e as idéias. Ela dá a esses momentos uma existência autônoma, coisificando-os no mapa da confi-*

guração astrológica desse momento. Então podemos interpretar esses momentos, verificar como as coisas tiveram um início e como vão ter um fim. É uma linguagem mágica, e é misteriosa, porque a partir desse ponto que você coisificou você pode ir para a frente, no tempo, ou para trás, retrogredir. Então nós podemos, por intermédio da imagem de um momento, de um ponto, fazer toda a história disso que coisificamos, e que escapa ao nosso entendimento. Então me parece que astrologia é uma linguagem que escapa ao entendimento humano, acho que é uma ciência dada ao homem; algum deus, algum ser supremo desceu à Terra e viu a dor dos homens, o sofrimento dos homens e disse: "Pelo menos vou dar a eles o único conhecimento divino que eles merecem, que é a astrologia." E a partir do dia em que os homens tiveram horóscopos ou conhecimento horoscópico ficaram aguardando os trígonos e ficaram sofrendo com as quadraturas, igual a antes mas com uma esperança. E agora estamos numa época de não sermos mais tanto escravos dos aspectos astrológicos, e sim de irmos ganhando um pouco mais de liberdade. Essa liberdade, de um lado, é a liberdade que se adquire com a tecnologia, essa mesma tecnologia de que os astrólogos não gostam, que eles criticam. Mas essa tecnologia nos dá segurança: fazer um levantamento astrológico com ou sem enxaqueca faz uma diferença tremenda, e nisso é a tecnologia que nos vai ajudar. Então o homem, hoje, está perdendo seu complexo de inferioridade. O homem perante ele mesmo está começando a se ajudar, então a astrologia tem hoje outro significado: não somos mais servos do destino, estamos gradualmente assumindo nossa Décima Casa, estamos saindo da Quarta. Aí vem uma transição histórica (eu assisti um pedacinho dessa transição) e junto com essa transição a astrologia ressurge novamente: o ser humano volta a aceitar oficialmente, academicamente a astrologia em todas as universidades. Trinta anos atrás, na Europa, a astrologia já era aceita na universidade. Na América do Sul, era absolutamente impossível falar no assunto. Em 1950, em La Plata, tentei introduzir a astrologia na Universidade de La Plata, na cadeira de filosofia, como uma tipologia. Disse eu: "Ora vejam os senhores, que afinal de contas os ciclos, os planetas, representam comportamentos tipológicos." Fui banido da faculdade, quer dizer, eles eram meus amigos, não me aconteceu nada de mau, mas me pediram pelo amor de Deus para não falar bobagem. "E olha, respondi, eu estou chegando de uma universidade (a de Zurich) onde há estudos de astrologia." Disseram: "Mas isso é em alemão e nós não entendemos alemão, por favor vá embora." Depois, gradualmente, a idéia da astrologia foi entrando. No Brasil, foi entrando pelo caminho torto, pela publicidade um pouquinho demagógica de Omar Cardoso (que, de resto, tenho em boa conta), entrando pela Livraria Editora Pensamento, com seus almanaques, e hoje agora há duas astrologias de novo. Uma, como estava falando a hoje o Arno, tão expandida que já deixou de ser astrologia, é a que sai nos jornais. Eu tenho certeza que a sua (já posso dizer antes de sair) querida revista **Júpiter** *não vai fazer essa astrologia, vai fazer a outra, e esta outra é a que a Universidade pretende*

ir ensinando. Veja bem, é uma astrologia que renasce na faculdade de psicologia, então a mãe da astrologia moderna é a psicologia, igual como foi na Europa. Então a Quarta Casa da Dona Astrologia é a psicologia, psicólogos e astrólogos vão se fundir no futuro. Os psicólogos serão astrólogos. A astrologia será o domínio de uma técnica, de uma linguagem. Mas veja, acho que, às vezes, os astrólogos cometem um erro de aumentar exageradamente a importância da astrologia. A astrologia é **um** *conhecimento do ser humano, mas não é todo o ser humano. Nem a psicologia, que nem por ser tão extensa deixa de ser mais do que um pedacinho, ela não é tudo. Bom, já falei demais, mas veja aqui, você me perguntou o que é a astrologia. É uma linguagem, e os astrólogos são os escribas, porque para escrever e ler esta linguagem é preciso um conhecimento técnico, humano e religioso ao mesmo tempo. Então as pessoas do povo se dirigiam ao escriba para que ele fizesse a carta que elas tinham recebido ou precisavam mandar, e hoje é exatamente igual: as pessoas se dirigem aos escribas dos deuses, que são os astrólogos, para que eles digam o que vai acontecer, o que está acontecendo ou por que l aconteceu. Então às vezes é um consolo, às vezes um entusiasmo, às vezes uma finalidade terapêutica. Então vejo tudo isso no âmbito da psicologia, e a minha ambição é que no futuro, para ser astrólogo na área clínica, seja preciso ser psicólogo. Claro que não vamos tirar aos donos das empresas a oportunidade de consultar astrólogos para prever as marés da fortuna. Isto não é um trabalho clínico, mas acho que para o trabalho clínico o astrólogo teria de ser psicólogo, no bom sentido da palavra. Acho que a pergunta está mais ou menos respondida. O Walter queria fazer uma pergunta. Walter, você nos ensinou pouco tempo atrás que a astrologia em sânscrito se diz* **Jyotisham,** *que quer dizer* **aquele que traz a luz,** *então evidentemente por ser uma linguagem a astrologia nos traz a luz, quer dizer, faz cinco ou dez mil anos que o ser humano tem consciência disto.*

Walter: *O que eu gostaria de saber é o seguinte: Essa linguagem diz respeito apenas a um campo físico, à influência dos planetas enquanto realidades físicas, enquanto fenômenos, ou procura ir além do fenômeno, ingressando na investigação metafísica, na investigação da essência?*

MÜLLER: *É uma linguagem, portanto são símbolos. O símbolo, eu tenho o conceito de que seja uma energia homeomórfica, isto é, você sabe que em matemática se pode transformar este bule, por exemplo, que tem uma conformação matemática evidente, em uma linha reta em outro plano. Isto que para nós, neste plano, surge como uma forma deste bule, em outro plano pode ser uma linha reta. Então, ao desenhar-se nesse outro plano uma linha reta, está se produzindo um bule neste plano aqui. O símbolo astrológico é isso: é uma realidade e um nível não consciente no sentido intelectual da palavra, mas que funciona num plano inconsciente. Ou seja: funciona num plano que é real, físico, mas tem também uma existência em outro plano. Isso que você chama real fenomênico, é para mim a materialização de uma fantasia. A fantasia se faz realidade — a essência, que não existe, se transforma em manifes-*

tação, em fenômeno, que é o que existe. O símbolo astrológico é uma via de acesso entre este plano, que está aqui, o plano do fenômeno, e o plano da essência, porque ambos, embora diferentes, têm a mesma estrutura, guardadas as diferenças de plano a plano, do bule à linha reta. Então, você vê, é isso o que acontece na homeopatia, onde você pega uma substância e a dissolve, dissolve e dissolve (isso em homeopatia se chama dinamizar), e chega um momento em que você já não tem mais a substância, mas praticamente o espírito da substância: você tem apenas um símbolo. Mas o fato é que você ingere esse símbolo e ela faz um efeito físico claro, evidente. Veja: com um símbolo você produz um efeito material, e o erro que a astrologia vai tirar de você é exatamente essa divisão que você faz entre o campo material e o campo emocional, o fenômeno e a essência. São a mesma coisa.

Sim, respondendo à sua pergunta posso dizer que a astrologia, como linguagem simbólica, funciona nos dois sentidos, nos dois campos, no fenômeno e na essência, no visível e no emocional, na matéria e no significado. Por isso quando o astrólogo lê o mapa, a maneira de ele interpretar depende muito dele, enquanto pessoa, porque se de um lado ele tem na mão o fato astronômico manifesto, físico, que ele calculou, de outro tem o lado emocional ou o significado. Por isso, já que une dois planos, se pode também fazer magia com a astrologia, só que evidentemente não vou ensinar a você agora como se faz.

Mary Lou: *Por que a astrologia ficou tanto tempo fora das universidades?*

MÜLLER: *No aspecto formal, oficial, foi quando surgiu a teoria do heliocentrismo oposto ao geocentrismo. Serviu apenas como desculpa. Olhe: quando você for mais astróloga, você terá a sua pergunta respondida espontaneamente pela idéia de ciclo histórico astrológico. Então em uma dada época a humanidade não quer saber de astrologia, em outras épocas quer saber mais. Este ciclo de agora, com o retorno da astrologia, também termina um dia e a astrologia vai ser de novo esquecida nas águas-furtadas daqueles que, por motivos pessoais, estão compelidos a fazer astrologia mesmo quando ela não está na moda. Depois ela volta para os palácios, para as universidades, e de novo para o porão. Que importa isso para a astrologia? Ela é tão velha, e tão igual hoje como ontem!*

Faz poucos dias me trouxeram um horóscopo desenhado por um médico do século VI Antes de Cristo, e a signatura que ele usou eu a li muito bem, porque é igual à nossa de hoje — a diferença é só de caligrafia pessoal. O resto é igual.

Veja que quando fui compelido a ser astrólogo eu não queria, eu estava horrorizado de ter de ser astrólogo porque não era alguma coisa que agradasse a mim, à minha educação, à minha formação.

Eu tinha vergonha, mas também dizia para mim: "Tem gente que tem coisas piores, que é que vou fazer? Vou ter de ser astrólogo." Você entende? Não era **chique** *ser astrólogo, te juro que não era. Então, nessa época eu vivia um pouquinho na água-furtada. É assim.* **Sic transit gloria mundi!** *Vai, volta. Nós estamos agora num momento de mudança que começou logo após a Guerra de*

14 — teríamos de saber em relação ao grande ano platônico de 25.000 anos como está progredida a astrologia neste momento para explicarmos o que acontece, teríamos de levantar o mapa da própria astrologia, em relação a Urano e outros astros, para saber por que a astrologia está voltando agora à universidade. Eu não sei responder. Mas não se preocupe. Quanto mais ela subir mais ela vai ser esquecida depois, e depois volta de novo, mas nada se perde, tudo está no **akasha.**

Olavo: *Quais as relações entre a história da medicina e a história da astrologia? Como foi que as mudanças na medicina depois de Paracelso afetaram a astrologia?*

MÜLLER: *Ainda na época de Paracelso todo médico era astrólogo. Qualquer médico educado, que hoje fala inglês, naquela época falava árabe e tinha sérios conhecimentos de astrologia. Primeiro de tudo ele levantava o tema do paciente e fazia uma sinastria, comparava com o mapa dele e aí decidia se ele ia poder ajudar ou não o paciente. Depois isso começa a se perder, começa com a publicação do trabalho de Vesalius, a anatomia. Aí o homem começa a olhar não mais a dinâmica das coisas e sim o lado estático: tira uma amostra e a partir da amostra opina sobre uma coisa que já está morta. No momento em que você olha no microscópio um tecido, o tecido já está morto. Não* **é** *tecido,* **foi** um tecido. Mas, que curioso! essa decadência veio junto com a expansão que a humanidade teve no sentido geográfico. Desde então a astrologia permaneceu menos usada no mundo oficial, pelo menos até o lançamento do primeiro **Sputinik.** *Veja que Cristóvão Colombo, mas* **Memórias** *dele, que eu li, comenta que um aspecto do Sol com Saturno amarrou os navios numa baía porque ia sair um vendaval terrível, e assim foi.*

Olavo: *Nas escolas ninguém conta que foi por um raciocínio astrológico que ele resolveu parar.*

MÜLLER: *Ele era um marujo, ora! Ele tinha de governar a marinha dele, fazia meteorologia e via a saúde da tripulação. Evidentemente antes de embarcar ele fez o tema horário. Por que ele haveria de ficar no Porto de Palos aguardando para sair? Estava aguardando um aspecto astrológico que merecesse esperar onze dias. Com o rei criticando em cima: "Por que você sai?" Ele dizia: "Mas, meu rei, você me fez o almirante de todos os mares, deixe eu decidir quando embarco a tripulação..." Nessa época, mais ou menos, o príncipe alemão Wallenstein pagava a peso de ouro as observações de Kepler com Marte. Ele queria saber exatamente onde estava Marte para decidir seus planos de guerra. E Kepler, nessa época, já não se interessava tanto pela interpretação de mapas astrológicos, queria mais saber mesmo das leis que estava calcu-*

lando sobre as órbitas. Então nessa época se vê o gradual desaparecimento da astrologia — um grande astrólogo como Kepler vai se dedicando cada vez mais à astronomia, e a astronomia não é astrologia. A astronomia é apenas o dado concreto, então todo o enriquecimento astronômico, desde Kepler até hoje, para o astrólogo não serve de nada — porque ele não pode interpretar tudo isso. Os epiciclos de Ptolomeu ainda funcionam maravilhosamente, não é preciso mais. Se não são uma verdade astrônomica, são uma verdade subjetiva nossa, e para a interpretação astrológica o que interessa é isto. Isso ensina também que a vida não é conforme a queremos explicar intelectualmente, e sim como a sentimos, e acho que esse é o lado mais bonito da astrologia. No aspecto emocional, se eu estou vendo isto, então é isto. Aí vem o psicólogo e diz: "Isso é projeção, deixe de projetar esse conteúdo, enxergue a verdade." E o astrólogo moderno também pode dizer isso.

Olavo: *Qual o sentido da relação que se estabelece na astrologia entre planetas, metais, plantas, emoções, etc?*

MÜLLER: *Vem da unidade das coisas. Se há um sincronismo, tudo é uma coisa só vista de diferentes maneiras. Se eu, na minha ignorância, no meu pequeno tamanho, na minha incapacidade, juro que enxergo coisas diferentes, aí significa que devem ser diferentes, mas no fundo é a mesma coisa. Não é? Um pedaço de chumbo, sendo Saturno quem anima o espírito do chumbo,* **é** *Saturno, embora eu não veja assim. Um planeta visto desde o microcosmo para o macrocosmo é completamente diferente de uma planta ou um metal, mas visto desde o macrocosmo para o microscosmo um planeta é também uma substância, uma cor, uma emoção, um som musical, um lugar, um momento. Na árvore sefirótica, você tanto pode colocar a Lua em baixo como em cima, você vira, faz do macrocosmo microcosmo e inversamente. Tifferet, que é o ser humano, fica sempre no meio. Então, não é que uma coisa* **tenha que ver** *com a outra, uma coisa* **é** *a outra. Em termos clínicos, dizer isso seria uma confusão esquizofrênica. Mas em termo de astrologia é uma verdade. Porque se você usa um talismã de um metal... digamos, você na sua revista* **Júpiter** *vai ter um pedaço de estanho, limpinho, uma barrinha de estanho limpa e pura nos escritórios, simbolizando Júpiter, não é? Eu te digo: é Júpiter que está li, o dr. Júpiter em pessoa.*

CONTINUA NO Nº. 1. AGUARDE O LANÇAMENTO EM MARÇO.

Destino ou livre-arbítrio?

por Emma Costet de Mascheville

Emy de Mascheville *é hoje uma das maiores autoridades mundiais em astrologia, conhecida não só por sua formulação profunda de uma ética e de uma psicologia astrológicas, mas também pelo trabalho pedagógico que realizou, formando gerações e gerações de jovens para a astrologia e para a vida. Neste artigo — que forma parte do seu livro* **O que o céu e os homens me ensinaram** *— a ser publicado proximamente, — ela rebate as perguntas correntes sobre o "determinismo" astrológico, mostrando que se fundam numa colocação errada da questão: destino e livre-arbîtrio são realidades que, na perspectiva astrológica, se completam mutuamente num jogo dialético.*

Uma das primeiras perguntas das pessoas interessadas na Astrologia é: Como pode ser compreendida a idéia de um destino marcado tanto pela influência cósmica quanto pelo poder da vontade humana? Quem é mais forte? Destino ou livre-arbîtrio? A vontade, o espírito de luta e de conquista, ou as forças fatais?

Os povos orientais mantinham, até as últimas guerras, de uma maneira predominante, a atitude de submissão fatalista e a resignação diante de situações onde sentiam uma força maior que sua própria vontade a dirigir seus destinos para o bem ou o mal. O ocidente pregava a força de vontade, a independência individual, a capacidade de dirigir a própria vida pela inteligência, pela capacidade, pela força física ou mental. Após as últimas tempestades, ambas as mentalidades orientais e ocidentais estão se modificando para o lado oposto. O oriental com sua natureza passiva, submissa, toma atitudes mais positivas e procura tomar o destino em suas mãos, o que no momento, por estar ele ainda pouco esclarecido, toma a forma de revolta. A literatura moderna ocidental mostra que o povo, diante da avalanche das tempestades dos últimos decênios, encontra a força de resignação na palavra "destino".

Se devo explicar como observei na ação do destino ou do livre arbitrío dois pontos de vista completamente opostos é melhor recorrer ao principio do Macro e Micro, do grande que está no pequeno:

Imaginemos a vida: ela é como um dia, com o acordar do nascimento até o deitar da morte. Quando acordamos, encontramos um ambiente, uma situação, condições de vida, meios, programas que não dependem de nós neste momento de acordar, mas das condições e vontades anteriores.

O leitor *materialista* comparará esta vontade anterior com a teoria da hereditariedade.

O *espiritualista* explicará que conforme nossos méritos ou dívidas do dia anterior junto com a

nova compreensão e vontade de melhorar o que foi errado, e conforme as meditações da noite, escolhemos um novo programa de ação que se apresenta diante de nossos olhos.

As *religiões* aceitam e compreendem a Vontade anterior a nós, o Poder Supremo Divino que nos dá uma missão, um caminho a trilhar, *uma ocasião* de *poder voltar a Ele*.

O *cientista* chama a esta vontade, a Evolução.

Antes de continuar, deixem-me intercalar um pequeno episódio de minha vida. Eu estava na idade de ser iniciada na ciência de enxergar a beleza, de sentir e julgar a Arte. E um tio, pintor, me conduzia e instruía nos Museus. Naquela época começava o cubismo e o futurismo, e nos ambientes artísticos existiam os debates entre adeptos de cubismo, do futurismo, do impressionismo e do expressionismo.

Um dia, meu tio, após ter percorrido todas as salas das diferentes escolas artísticas, conduziu-me diante de um quadro de Rembrandt, dizendo: "Aqui tu tens o Mestre de todas as escolas, porque o que os separa, ele reúne. Se tu prolongares todas estas linhas, observará que elas se reunem no coração de Maria: isto é cubismo. Veja a distribuição de Luz e de Sombra. Todas as escolas atuais se fundiam na grande Arte de Rembrandt." Não é Arte chamar de Madona um coração rodeado de linhas, mas é Arte saber distribuir linhas, luz e cores para visar à expressão do que tu quiseres criar. As diversas escolas separadas causam criações efêmeras, julgadas, criticadas e esquecidas no correr do tempo, mas a união delas é Arte e Sabedoria que resiste ao tempo."

Mais tarde, esta lição de Arte, aplicando-a à união das diferentes escolas materialistas, espiritualistas, científicas e religiosas, afastou de mim a dúvida que vem da crítica. E talvez o leitor possa sentir a calma e a harmonia que surgem da fusão das diversas teorias que separadamente levantam tanto pó, enquanto unidas dão a clareza que faz penetrar na Visão da Vida Eterna. Por isto peço ao leitor que não critique ou nem reflita qual das concepções sobre a origem da razão do destino é a mais acertada. Unidas, elas dão maior visão. Ao acordar encontramos todo este programa do dia, determinado pela condição de vida ou pelo destino.

O deitar depende do nosso *livre arbitrio*, da força interna. Podemos deitar angustiados, deprimidos, insatisfeitos, porque o programa não foi cumprido, e podemos deitar felizes e satisfeitos porque temos a consciência de ter feito o que nos foi incumbido e talvez mais um pouco, preparando o futuro. O livre arbítrio causa as sensações segundo as quais sentimos a marcha do destino!

Continuemos comparando o dia. Segundo o programa, devo almoçar ao meio-dia, mas se por um excesso de vontade do livre-arbítrio eu quero forçar outras ocupações ou trabalhos, pelas condições do programa não poderei evitar a fome. O que desejo forçar pelo livre-arbítrio não será feito em condições harmoniosas. Sem parar para fortificar-me, terrei que empreender tudo em condições precárias e que teriam sido harmoniosas para outros afazeres.

Destino é este programa da condição de vida que trazemos desde o berço, mas se eu vivo de uma maneira harmoniosa, orga-

nizada ou dolorosa depende do *livre-arbítrio*. Vencer o destino não quer dizer contrariá-lo! Podemos somente vencer o que nos é imposto pelo programa.

Podemos somente vencer o que nos é imposto pelo programa. Aceitando-o conscientemente, as horas livres poderão ser construtivas,para o que desejamos criar a mais.

Acondicionando, por conseqüência, a livre vontade ao destino, pela ação consciente da missão a cumprir, a vida não será tão dolorosa, como ela é para aquele que vive um dia à mercê de sua própria vontade e impulso, sem consideração do seu programa, sem rumo e sem resultado.

Na astrologia, calculamos o horóscopo, quer dizer, a nossa própria vibração, capacidade de recepção de corpo, mente e alma. *As direções* do Sol, Lua e planetas, são as notas altas e baixas cósmicas, que escrevem a melodia da nossa vida no livro do nosso *destino*. *Os trânsitos* dos corpos celestes, a maneira pela qual nós, pela capacidade ou fraqueza, consciência ou ignorância, bondade ou maldade, reproduzimos esta melodia que foi escrita para nós, em tonalidades harmoniosas ou dissonantes, conforme o *livre-arbítrio*.

Cada ser humano recebe no seu nascimento o destino e programa, que para seu dia é possível desenvolver. Mas, se o desenvolve ou não, depende dele!

Comparemos o reino humano com o reino da natureza: nenhuma força da natureza, nenhum livre-arbítrio poderá, de uma violeta, produzir uma rosa. Todos os esforços podem somente produzir uma violeta perfeita ou uma violeta degenerada.

Assim cada ser, pelo uso do seu livre-arbítrio, pode somente degenerar no seu caminho de realização que lhe foi imposto por seu destino ou tornar-se perfeito através de sua realização. O sofrimento na vida surge, muitas vezes, durante o período do esforço do livre-arbítrio de querer alcançar algo para o qual não recebeu, do destino, a força necessária.

Destino e livre-arbítrio nunca podem ser separados, eles são acondicionados um ao outro. Unicamente da falta de saber coordenar ambos resulta a degeneração, e nunca do destino.

Condicionando, pois, o estudo *do que somos* (horóscopo) com o conhecimento do destino, o *programa que se nos apresenta na vida*, pelas condições externas (direções) devemos dirigir nosso livre-arbítrio, nossas sensações e vontades positivas ou negativas (trânsitos).

Nunca podemos cumprir um programa do destino harmoniosamente, se principiamos pela sensação e pela vontade.

Quem quer dominar a vida pelo livre-arbítrio, sem considerar o destino imposto do alto, deve contar com o mesmo resultado de quem procura construir uma via férrea sem conhecimento de topografia do terreno onde ele quer construir.

A vida baseada no livre-arbítrio é como um navio sem bússula. Baseada no destino, é barco sem leme, causando em ambos os casos longa e angustiosa procura para chegar à finalidade a alcançar.

Que cada um de nós possa, com o livre-arbítrio cumprir o seu programa e, cantando de uma maneira harmoniosa a melodia que para ele foi escrita, deitar-se numa hora bem-aventurada.

Astrologia e teoria do conhecimento (I)

por Olavo de Carvalho

A astrologia é uma ciência? Neste trabalho — apresentado no I Colóquio Brasileiro de Astrologia, realizado em São Paulo no ano passado — o autor critica as bases em que esta pergunta é habitualmente formulada. Uma avaliação do conhecimento astrológico tem de levar em conta, antes de tudo, as **diferenças** *entre ele e o que normalmente se chama "ciência". O conhecimento astrológico é de natureza filosófica, totalizante, e embora possa ser submetido a verificação científica posterior, não se reduz às formulações habituais das ciências da matéria. O esforço de "provar o caráter científico" da astrologia, segundo o autor, é apenas uma concessão da mentalidade colonial ao gosto acadêmico da época, sem nenhum proveito real para o avanço do conhecimento.*

Quando alguém quer combater a astrologia, a primeira coisa que faz é negar a sua condição de ciência. Quando alguém quer informar-se a respeito, pergunta: "Astrologia é superstição *ou ciência*?" Quanto aos astrológos, desde Paul Choisnard, no início do século, tornou-se uma questão de honra para muitos deles proclamar a astrologia "uma ciência", ou pelo menos esforçar-se para que ela se torne uma ciência. Toda a questão do valor da astrologia parece, assim, condicionada ao seu estatuto de ciência.

A palavra ciência tem, entretanto, muitas implicações. As definições não são como simples roupas, que vestimos e despimos sem que elas nos alterem substancialmente. Ao contrário, elas revertem sobre o objeto definido, circunscrevendo-o e limitando-o, e sobre o sujeito pensante, comprometendo-o a não enxergar no objeto, daí por diante, senão aquelas qualidades gerais e abstratas contidas na definição.

A proposta de uma astrologia científica, portanto, parece apenas uma maneira de tornar a nossa disciplina respeitável perante a comunidade intelectual, mas o preço dessa respeitabilidade é deixarmos de chamar de astrologia algumas coisas a que costumamos dar esse nome.

A questão que se levanta, então, é a seguinte: quais as parcelas da nossa disciplina que teremos de expulsar do território astrológico doravante governado pela ciência? E nessa operação, não seremos obrigados a atirar ao lixo alguns tesouros da sabedoria tradicional, por não se encaixarem na nossa definição de ciência?

É evidente que a resposta a essa questão depende do que chamamos de ciência, do tipo de ciência em que pretendemos transformar a astrologia. Será uma ciência do tipo, digamos, de *retórica*? Uma ciência como a *teologia*?

Está claro que não. Esses saberes um dia foram denominados ciências, mas a cultura moderna veio a lhes negar esse nome, porque lhes faltavam a observação sistemática da realidade exterior e a formalização matemática das suas proposições.

Quando Choisnard falava em ciência, e quando a maioria dos que hoje buscam (ou negam) uma astrologia científica falam em ciência, não se referem a uma "ciência em geral", mas a *um determinado tipo de ciência*, isto é, a uma ciência de *observação* que possa chegar, mediante *estatística e indução, à formalização matemática de leis astrológicas puramente objetivas*. Para encurtar, chamamos a isso *ciência analítica ou ciência analítico-objetiva*.

Uma vez dito isso, podemos formular a questão do seguinte modo: pode a astrologia científico-analítica resolver as questões tradicionalmente consideradas astrológicas? A astrologia, que surgiu de um desejo ou necessidade de compreender a situação do homem no cosmos, poderá atender a esse desejo pelo método científico-analítico? Ou, ao contrário, terá de limitar drasticamente suas pretensões em benefício do seu *status* de ciência?

Vamos comparar dois textos:

Primeiro: "O método experimental moderno repousa inteiramente sobre os axiomas da casualidade; ora, a relação de causa e efeito está longe de ser sempre nítida. Sua prova real não pode ser estabelecida segundo outro procedimento que não o *cálculo de probabilidades*. Isso deveria ser o axioma fundamental, senão único, de toda ciência positiva... Para conhecer as causas determinantes, não existe mais do que um único meio: comparar as freqüências dos elementos em jogo. É a única maneira de provar que estamos em presença de uma *lei* e não de uma coincidência fortuita; dito de outro modo, que se trata de uma observação que podemos repetir, ao menos parcialmente, e não de um resultado cujas causas nos escapam..."

Segundo texto: "Por toda parte as coisas seguem as mesmas cadeias de correspondências, desde a sua fonte nas Divinas Idéias até os estratos inferiores. As regras astrológicas funcionam *porque refletem essas idéias* e porque *falam de um cosmos que se move em uníssono, cantando, por assim dizer, em harmonia. É evidente que até nossos pensamentos estão, frequentemente, "em acordo com a circulação do mundo", como diz Plotino, e que uma boa parte do nosso caráter está em correspondência com nossos mapas de nascimento."*

Dificilmente um observador isento diria que esses dois textos se referem à mesma disciplina. No entanto, ambos foram escritos por grandes astrólogos a propósito da astrologia. O primeiro está na página 51 do tratado sobre a Linguagem Astral, de Paul Choisnard, e o segundo na página 11 de *O Zodíaco e a alma*, de Charles Carter.(1).

Esses dois textos expressam concepções opostas e inconciliáveis a respeito do que seja a astrologia e de por que ela funciona. Segundo Choisnard, a astrologia funciona porque discerne, me-

diante observação e estatística, a diferença entre coincidências e causas, e formula assim *leis de causa e efeito* a respeito da correlação entre homens e astros. Segundo Carter, funciona porque capta a unidade entre o momento e o ser singular, de um lado, e a totalidade orgânica do fluxo cósmico, de outro. No primeiro caso, a astrologia é definida pelo princípio de *causa-e-efeito*, no segundo caso pelo de *correspondência* (microcosmo e macrocosmo). O princípio de causa-e--efeito é básico nas ciências modernas, o princípio de correspondência é básico na astrologia tradicional e nas ciências herméticas em geral.

O impasse da astrologia

A comparação dos dois textos esclarece o sentido da nossa pergunta inicial: seria possível, com o *método* proposto por Choisnard, realizar o projeto expresso no texto de Charles Carter? Seria possível, mediante o estudo estatístico de cada correlação causa-e--efeito, chegar a um entendimento das correspondências entre macrocosmo e microcosmo? Seria possível submeter a exame científico as "Divinas Idéias" de que fala Charles Carter? Poderíamos solicitar ao Todo-Poderoso que repetisse, por obséquio, o instante da Criação, para podermos observá-lo cientificamente *x* vezes até concluirmos que a influência divina no homem é uma causa determinante e não uma simples coincidência fortuita? Em termos de mapa astrológico individual, poderíamos, por exemplo, solicitar que o concerto das harmonias cósmicas no instante do nascimento de Goethe se repetisse *n* vezes, até que pudéssemos descrever e formalizar matematicamente as causas astrais que, por um mecanismo reprodutível em laboratório, levaram à criação do *Fausto* e de *Hermann e Dorothea?*

Evidentemente, não. É absolutamente impossível chegar a qualquer conclusão sobre a totalidade do universo real a partir da observação, coleção e comparação de fatos particulares. Nossas crenças e doutrinas sobre a totalidade do real não são científicas, mas metafísicas.

Assim chegamos ao impasse que define, praticamente, a situação atual da astrologica em seu projeto de tornar-se uma ciência. De um lado, temos uma ciência objetiva, de base estatística comprovada, mas que não se refere ao objeto supremo da astrologia, que é a unidade cósmica projetada num ser e num momento singulares. De outro, um saber de natureza metafísica sobre a correlação microcosmo-macrocosmo, mas que carece de comprovação científica. De um lado, as certezas miúdas da estatística; de outro, as grandiozas indagações do filósofo e do hermetista.

Por esse caminho, parecemos cair enfim num ponto que os inimigos da astrologia gostam de repisar: na astrologia científica, o que é científico não é astrológico, e o que é astrológico não é científico.

A solução Peuckert

O historiador alemão W. E. Peuckert, que não crê em astrologia científica mas é um amigo da astrologia tradicional, procurou tirá-la do impasse sugerindo que os astrólogos não deveriam forçar sua disciplina a transformar-se no que não é, mas manter-se fiéis à natureza própria e não-científica do saber astrológico. A astrologia,

diz ele, não é uma ciência, mas uma *concepção do mundo*, algo que está fora e acima da possibilidade de prova ou desmentido científico. Tentar provar ou desmentir cientificamente a astrologia seria tão absurdo quanto tentar provar em laboratório a existência ou inexistência de Deus.(2)

Se aceitarmos a solução de Peuckert, saímos da dolorosa situação de réu e podemos passar à de juiz. Porque, se não tem sentido comparar uma concepção do mundo com um saber científico particular, tem sentido, isto sim, comparar uma concepção do mundo com outra concepção do mundo. A ciência atual, que exige as provas da astrologia, baseia-se, ela própria, numa determinada concepção do mundo — o objetivismo científico — o qual é, tanto quanto a concepção astrológica, um pressuposto filosófico impossível de provar ou desmentir cientificamente. Jacques Monod, em seu livro *O Acaso e a Necessidade*, reconhece categoricamente que a noção mesma de uma verdade objetiva *repousa, em última análise, num pressuposto ético*.(3) Assim, quando o cientista nos pede provas científicas da astrologia, pondo-nos na difícil situação de testar concepções metafísicas em laboratório, o que podemos responder-lhe é que tente provar, com estatísticas ou teste de labortório, esse pressuposto de ordem ética. Quando ele conseguir, então lhe oferecemos as provas da astrologia.

O tipo de "provas" que hoje podemos oferecer não se refere nunca à concepção astrológica como um todo, mas a simples correlações factuais entre posições astrais e acontecimentos humanos e terrestres. Tais provas — como, por exemplo, a pesquisa de Michel Gauquelin sobre astros e profissões — são cientificamente concludentes, mas só se referem a uma ou a algumas correlações em particular, não podendo servir de prova de *todo o edifício doutrinal* da astrologia. Gauquelin pode provar que Júpiter está no Ascendente ou no Meio-do-Céu de um número significativo de atores, mas não pode provar algo como "Assim como é em cima é em baixo", porque, como vimos, esta é uma afirmação metafísica. Assim, as provas da astrologia, por mais impressionante que sejam em número e qualidade, poderão convencer o cético quanto a este ou aquele fenômeno particular, mas não chegarão nunca a satisfazer a sede de certezas absolutas com que a mente *soi-disant* científica aborda a totalidade da concepção astrológica, e que contrasta de maneira quase cômica com a facilidade ingênua com que aceita, sem discutir, o objetivismo científico. Por outro lado, ninguém exige que um biólogo prove em laboratório a verdade *da biologia*, isto é, o edifício inteiro das suas teorias, métodos e pressupostos, mas sim apenas desta ou daquela teoria biológica em particular. A biologia, como qualquer ciência, é um edifício de teorias das quais algumas estão certas e outras erradas, algumas ficam e outras não, *e isto é precisamente o único motivo para continuarem a existir biólogos*.

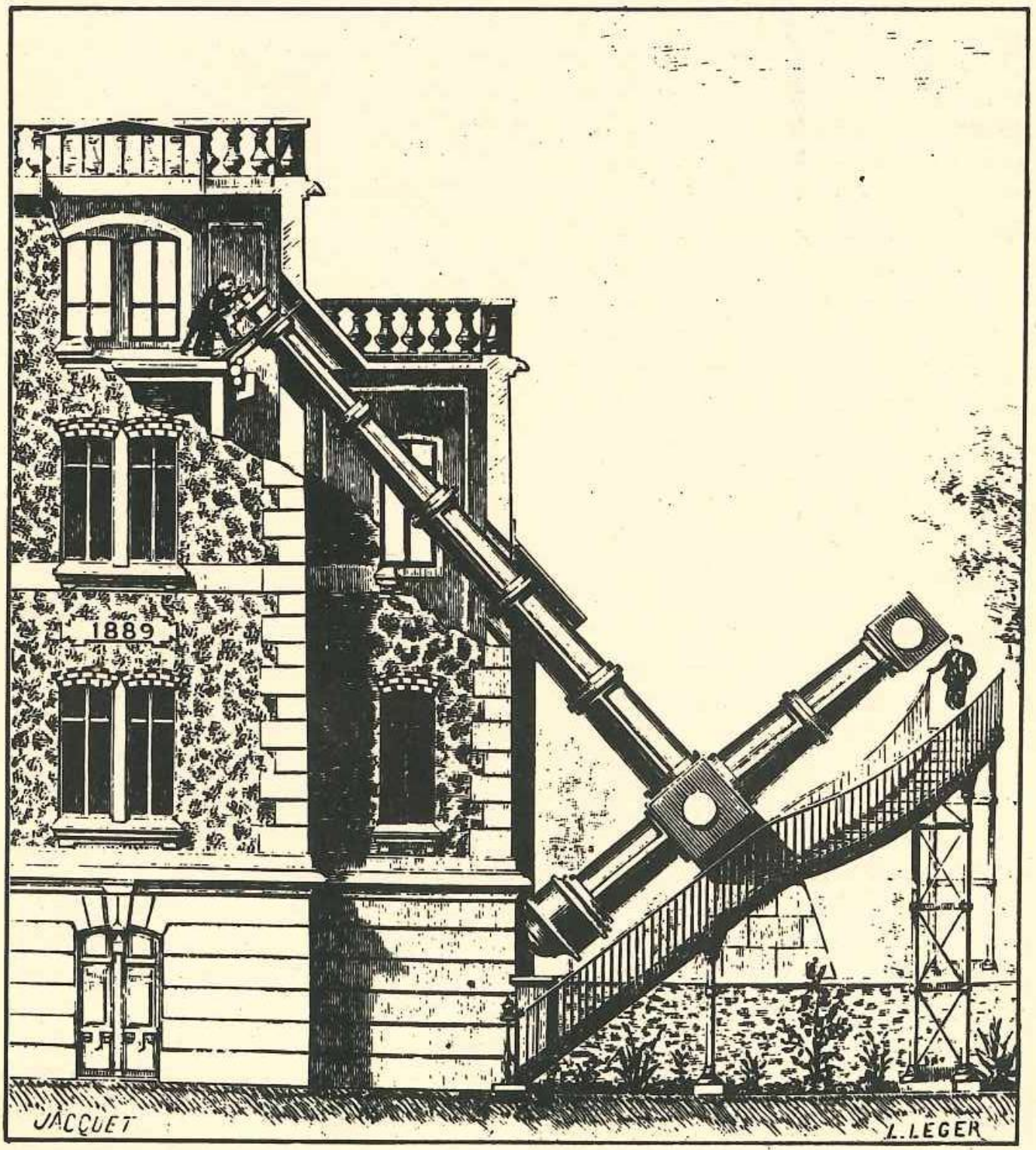
A exigência de provas torna-se, assim, um poço sem fundo. O fato de muitos cientistas exigirem tais provas mostra até que ponto um sábio de profissão pode ignorar a distinção entre ciência e metafísica. O fato de que muitos astrólogos se atirem de bom grado nesse poço mostra até que ponto

são tão ignorantes quanto os detratores da astrologia.

Um fundamento absoluto?

A solução de Peuckert é realmente reconfortante, pois, embora negando à astrologia o estatuto de ciência coloca-a numa situação, pelo menos, de igualdade com a concepção científico--objetivista. Poderíamos contentar-nos com isso, e despedir-nos aqui do objetivista irritante que continua exigindo, das idéias alheias, provas que ele mesmo não poderia oferecer das suas.

Mas podemos também prosseguir. A idéa de Peuckert de decidir a questão por uma simples preferência subjetiva pode não nos satisfazer. Pode ser que ainda tenhamos, no fundo de nós, a esperança de dar à nossa disciplina um fundamento absoluto, e de provar que a nossa concepção ética se baseia na verdade, enquanto a contrária está baseada no erro. Pode ser que aspiremos, ainda, a uma solução racional ou científica das nossas indagações, e que, embora reconhecendo o caráter "metafísico" das proposições astrológicas, ainda sonhemos em



dar a essa metafísica astrológica em fundamento absoluto ou científico. Não é esse, afinal, o sonho de toda filosofia?

Mas como é impossível demonstrar pelos métodos da ciência objetiva qualquer proposição metafísica, torna-se claro que a ciência a que aspiramos não será igual à ciência objetiva atual, mas um *outro tipo de ciência*, que hoje se esboça no horizonte da cultura ocidental.

Ora, se insistimos, depois disso, em fazer da nossa disciplina uma ciência, então das duas uma: ou desistimos de uma vez do anseio de uma ciência cósmica e nos limitamos ao estudo dos fatos particulares, abandonando a concepção astrológica do universo e fundamentando-nos doravante no mais estrito objetivismo científico vigente, ou... Ou então, *mudamos nossa concepção de ciência*, e adotamos outro modelo de ciência que não o saber analítico--objetivo, baseado em observação, estatística, indução; abandonamos o modelo Choisnard e adotamos um modelo que permita o enfoque científico de questões antes rotuladas de *metafísicas*.

Um balanço do objetivismo

Mas — que outro modelo? Como podemos formular o modelo de ciência que sirva de base para a nossa disciplina?

Talvez seja cedo para isso, mas o certo é que, no nosso caso, o ponto de partida tem de ser um exame acurado das falhas do objetivismo analítico *quando aplicado à astrologia*. Temos de começar por um balanço dos métodos e resultados da astrologia científico-objetiva, e em seguida insinuar alguns dos novos caminhos que se oferecem. Quais foram, então, os resultados de sessenta anos de astrologia científica?

O balanço é, na verdade, impressionante. O resultado mais espetacular, como vocês sabem, foi o da pesquisa Gauquelin, provando as relações entre as posições planetárias no instante do nascimento e a escolha de profissão. Mas poderíamos citar muitos outros, inclusive estudos de laboratório, como o de Rudolf Steiner e Madame Kolisko, estabelecendo a correlação entre os movimentos planetários e reações com íons metálicos; as estatísticas de Donald Bradley, correlacionando os movimentos de Júpiter com a variação nos índices pluviométricos; os estudos de Cogan sobre os ciclos de "otimismo" e "pessimismo" com reflexos nas Bolsas de Valores e os aspectos de Saturno e Urano no céu; a reconstrução, pelo nosso colega Antonio Facciolo Neto, na história do movimento socialista desde o manifesto de 1848, à luz dos ciclos de Saturno e Netuno; e centenas de outros estudos, levados a cabo com o mais rigoroso espírito científico e resultados sempre favoráveis à hipótese astrológica.[4]

É um balanço considerável. Mas, se examinarmos atentamente eses estudos, notaremos que todos têm sempre *o mesmo* objetivo: confirmar ou invalidar, por métodos cientificamente aceitáveis, alguma hipótese astrológica *já existente*; freqüentemente, alguma hipótese várias vezes milenar.

Que significa isso? Significa que em tais estudos estão presentes *quase* todos os elementos que compõem uma ciência — método indutivo, a observação, a formalização matemática — mas não todos. Falta um. Falta o momento

verdadeiramente criador do processo científico, que é a construção da hipótese e a invenção da *teoria*. Tais estudos fornecem a verificação, mas não a descoberta. Não constituem, portanto, um corpo integral de ciência, mas simplesmente a aplicação de métodos de verificação de diversas ciências a um corpo doutrinal preexistente.

Prova e descoberta

Ora, se o exame científico da astrologia não descobre — apenas confirma —, cabe perguntar: *poderia* descobrir? Poderíamos, por métodos analíticos estritamente científico-objetivos, *descobrir* leis tão gerais, tão abrangentes quanto as contidas na astrologia tradicional e das quais, hoje, a astrologia científica vai fornecendo provas parciais?

Resposta: não.

Não, porque a ciência procede por generalizações parciais e crescentes, indo do particular para o geral, e para poder formular leis tão gerais quanto às astrológicas precisaria ter o conhecimento minusioso de toda a cadeia de causas e efeitos que ligam o homem aos astros, para aí sim produzir essas generalizações. E o fato é que, embora conhecendo em linhas gerais a correlação astro-homem, desconhecemos os detalhes do processo da causalidade astrológica, não se sabendo se a influência dos planetas se dá por meio de radiações, de simbologias depositads no inconsciente coletivo, de homologias estruturais ou processos rítmicos de coordenação no tempo, como veremos adiante. A ciência teria de, antes, resolver todas essas questões, para poder, só então, *fundar* uma astrologia e emitir a *primeira* lei propriamente astrológica.

Ora, a relação astros-homens proposta pela astrologia é, como os senhores sabem, uma relação global e ela se dá entre o conjunto dos fatores planetários e a totalidade da pessoa humana. Esses efeitos globais, sendo irreprodutíveis em laboratório, jamais poderiam ser descobertos mediante o acúmulo de evidências sobre processos causais parcelares, que é precisamente o procedimento da ciência objetiva.

Além disso, ao invés de avançar sempre na linha da generalização crescente, indo sistematicamente do particular para o geral, tal como se propõe, a ciência analítica às vezes cai no mecanismo inverso, e vai produzindo conhecimentos cada vez mais especializados sobre problemas cada vez mais miúdos, e perdendo cada vez mais a visão de conjunto e mesmo a esperança de chegar a uma visão de conjunto.

Assim sendo, há sólidas razões para acreditar que a ciência objetiva não teria meios para descobrir as relações globais que efetivamente não descobriu, mas que herdou prontas de outras formas de conhecimento, como a astrologia tradicional.

Em quarto lugar, a descoberta dessas relações globais envolve sempre ao mesmo tempo um conhecimento objetivo e um conhecimento subjetivo, interno, de introspecção ou auto-exame, e o estabelecimento da homologia entre os dois — macrocosmo celeste e o microcosmo interior. O enfoque analítico da ciência atual não poderia chegar à percepção de tais relações porque ele parte do princípio de uma divisão *essencial* entre sujeito e objeto — e só produz ciência do objeto, esquivando-se à introspecção ou exame de si ou

recusando-lhe qualquer valor cognitivo.

O objetivismo nasce no momento em que Aristóteles, no livro I da *Metafísica*, escreve: "Os homens, por natureza, gostam de conhecer. Prova disso é o apego que temos pelas nossas percepções sensíveis, *especialmente as que* derivam do sentido da visão".(5)

Ora, os olhos são o sentido por excelência pelo qual conhecemos o objeto — aquilo que é externo e diverso de nós — e pelo qual nos ignoramos a nós mesmos, já que não podemos nos enxergar diretamente.

Foi preciso passar 20 séculos para que um pensador — Raymond Ruyer — chamasse a atenção para esse fato de que o objetivismo dá um valor cognitivo privilegiado ao sentido da *visão*, que é o sentido *objetivo* exterior por excelência, desprezando os demais sentidos que nos dão, inclusive, a percepção da interioridade, do "nós mesmos", que ficou assim expulsa, sem justa causa, do mundo do conhecimento.

E, finalmente, nunca é demais lembrar que as correlações astrológicas foram descobertas muito antes de que a humanidade dispusesse propriamente de uma "ciência", no sentido atual e corrente do termo. A simbologia astrológica básica tem milênios e milênios de história. Alguns símbolos, como o da Virgem, chegam a ter segundo o historiador Jean Charles Pichon em seu livro *A História dos Mitos*, 25 mil anos de existência. Segundo o mesmo Pichon, os doze signos do Zodíaco são as doze Estruturas míticas básicas criadas pela humanidade, e essas estruturas, aparecendo e reaparecendo em diversas épocas e lugares, sob formas ligeiramente diferentes, permanecem eternamente as mesmas, como se resumissem verdadeiramente o núcleo de todas as religiões do mundo.(6) Será que isso foi descoberto por estatística? Como terão os estatísticos de 25 milênios atrás chegado a um nível tão amplo de generalização?

Na realidade, estamos lidando com dois universos incompatíveis. Não no sentido de Peuckert, para quem a astrologia, como concepção do mundo, era uma espécie de saber primitivo, impossível de comparar com o universo científico. Mas incompatíveis num *outro* sentido — no sentido de que a visão astrológica do universo é um enfoque superior que, não se limitando a produzir conhecimentos que podem ser comprovados — e efetivamente o são — pelo objetivismo científico, transcende, em suas descobertas, a esfera que o objetivismo pode abranger.

CONTINUA NO Nº. 1. AGUARDE O LANÇAMENTO EM MARÇO.

IVPITER

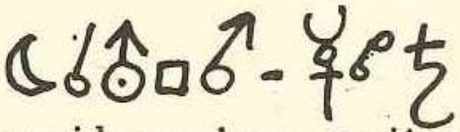
REVISTA DE ASTROLOGIA

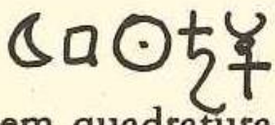
Para anunciar: 864-6603

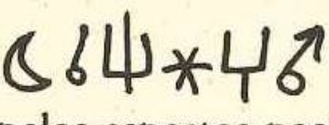
Aspectos e posições planetárias no plano mundial

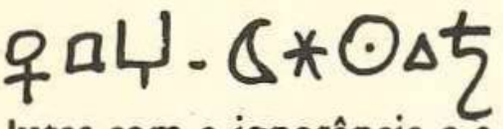
Com o convênio estabelecido entre Deucalion *e o Centro de Pesquisa e Difusão de Astrologia Científica, o Boletim editado por esta última entidade passa a fazer parte das páginas de* **JÚPITER**, *continuando sob a responsabilidade do astrólogo Antonio Carlos Harres.*

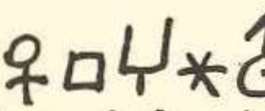
FEVEREIRO/79

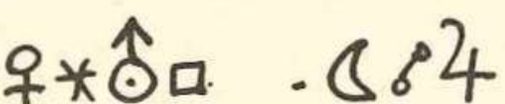
19 -  Inicia-se um período onde é necessário agir-se sentido geral com paciência, calma, sem precipitações e irreflexões. Há uma tendência a acidentes, incêndios, falhas dos artifícios e das técnicas criadas pelo homem, Poderá haver distúrbios dos campos eletromagnéticos terrestres, instabilidade nas comunicações, tendência a acidentes, incêndios, dificuldades em assuntos relacionados com a energia nuclear. Também para as comunicações e os transportes, surgem atrasos. São aspectos que agem sobre a crosta terrestre, podendo haver abalos sísmicos, terremotos, desabamentos, dificuldades para pessoas deposições elevadas e grandes responsabilidades. Economicamente é um período de sobrecargas, instabilidades nas finanças, limitações que devem ser encaradas com resignação, perseverança, observando-se tudo o que se manifesta de envelhecido e que precisa ser renovado.

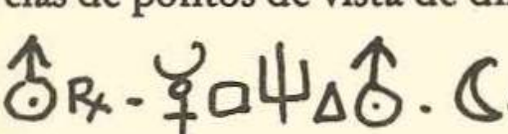
20 -  Igual ao anterior, intensificado pela passagem da Lua em quadratura a Sol, Saturno e Mercúrio, havendo possibilidade de abalos sísmicos, terremotos. Surgem dificuldades para chefes, autoridades e líderes governamentais. O trígono da Lua com Júpiter indica que poderão surgir entendimentos positivos, ajustamentos, mas deve-se evitar neste dia assumir responsabilidades grandes demais, iniciar o que deva ter longa duração. É um dia positivo para uma preparação, planejamento, mas não indicado para expansões e novas iniciativas. Atrazos nas comunicações, transportes, instabilidades econômicas ligadas à agricultura e mineração, desvalorização do patrimônio histórico e cultural.

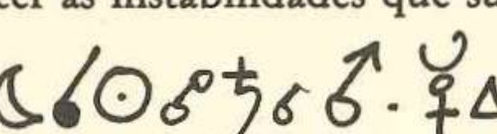
21 -  Igual aos dois dias anteriores, porém amenizados pelos aspectos positivos da Lua com Plutão e Marte, indicando possibilidades de reorganizações coletivas, decisões que transformam, despertam e conscientizam a coletividade. A conjunção da Lua e Netuno traz ainda instabilidades financeiras internacionais, na política, em assuntos relacionados a saneamento, saúde pública e medicina. Podem surgir dificuldades com a poluição das correntes e massa líquidas.

22  Dia em que podem surgir desorganizações, lutas com a ignorância e a inconsciência coletiva, vindo à tona o que há de enfraquecido e de errado, que precisa ser renovado e transformado. Nada deve ser forçado, especialmente em assuntos emocionais. Manifestam-se a ignorâncioa e falta de controle emocional, refletindo-se em acontecimentos que sacodem a coletividade. Por outro lado, os aspectos ativos da Lua com Sol e Saturno possibilitam algumas solidificação e lançamento de bases para o futuro, especialmente na agricultura, na economia e o que esteja relacionado ao passado histórico e cultural.

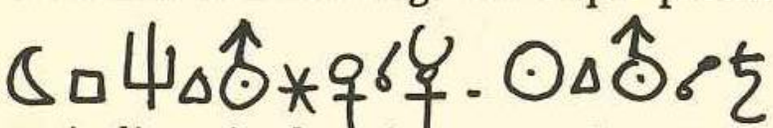
23 -  São dias em que surgem entusiasmos coletivos, embora ainda exista a luta com a desorganização e a inconsciência. Libertação, progresso e novos impulsos que dinamizam as ciências e as artes, alguma renovação. Positivo para as novas gerações e o que se relacione a manifestações artísticas renovadoras. Também para as pesquisas espaciais, o que se relaciona à Astrologia, é um dia positivo.

24 -  Igual ao anterior, embora surjam outros aspectos que agem sobre as finanças internacionais e a política. Pode haver instabilidades relacionadas com estes assuntos, tendência a surgirem boatos e notícias que carecem de fundamentos, ao mesmo que porão vir à tona assuntos que envolvem pessoas de projeção e importância, trazendo descrédito. É um dia em que se deve evitar as divergências de pontos de vista de direitos, as promessas, contratos importantes.

25 -  Urano torna-se retrógrado, com a Lua em aspecto passivo, indicando um dia em que se deve evitar as precipitações. Poderão surgir protestos, choques, rompimentos. Instabilidades na política e finanças internacionais, que se refletirão no progresso tecnológico e científico, situações caóticas e confusas nas comunicações e transportes. Mas por outros aspectos positivos de Mercúrio com Urano e da Lua com Plutão e Netuno, vemos que existem possibilidades de esclarecimentos, reorganização, novos impulsos para vencer as instabilidades que surgem.

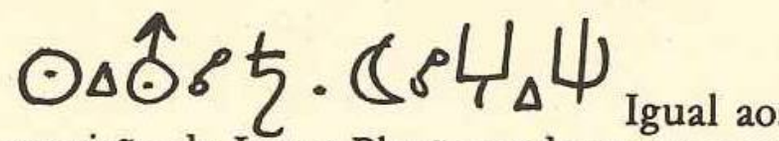
26 -  Eclipse total do Sol em oposição a Saturno e conjunção a Marte indica que este período trará grandes possibilidades de movimentos sísmicos, terremotos, movimentos da crosta terrestre. Também em assuntos políticos, econômicos, culturais, é um momento de retrição e lento desenvolvimento, vindo à tona o que há de enfraquecido e de errado, que precisa ser reformado e renovado. Neste dia devemos evitar todos os excessos, evitar as sobrecargas, tomar uma atitude de passividade. Há uma tendência aos incêndios, acidentes, hostilidades e dificuldades diplomáticas. Esta eclipse age sobre as costas marítimas, a navegação, o que se relaciona a massas e correntes líquidas e à poluição. Por outro lado, Mercúrio e Urano es-

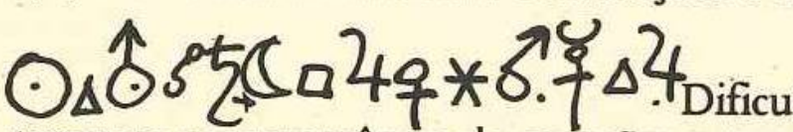
timulam e impulsionam renovações, progresso e libertação do que há de envelhecido e estagnado e que precisa ser renovado.

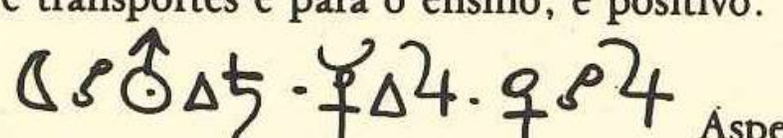
27 -  Igual ao anterior, somente mais dinamizado pelo aspecto da Lua com Urano, trazendo novos entusiasmos, progresso tecnológico e científico, mundanças e alterações que possibilitam vencer obstáculos e limitações. Mas é ainda um dia em que é preciso manter a clareza de visão, deve-se evitar os envolvimentos que possam gerar confusões e mal-entendidos, especialmente através de palavras e promessas. Deve-se evitar as sobrecargas de responsabilidades e o que deva ter longa duração. Dificuldades para pessoas que ocupam cargos de responsabilidade. Ainda deve haver instabilidades econômicas e financeiras, relacionadas com a agricultura, a mineração. Também os assuntos do passado, as tradições culturais poderão não ser valorizadas.

28 - Igual ao anterior, porém com um pouco mais de estabilidade pelo aspecto positivo da Lua em Saturno.

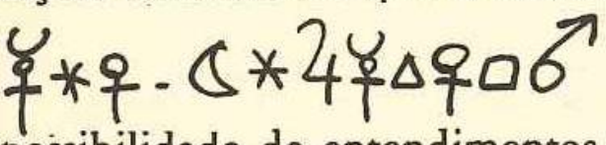
MARÇO

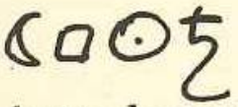
1º -  Igual aos anteriores, somente que a oposição da Lua a Plutão pode trazer manifestções da inconsciência e da ignorância coletiva, havendo desorganizações, vindo à tona o que está enfraquecido e errado, o que precisa ser modificado. Surgem esclarecimentos, influências políticas positivas. Há progresso, renovação e entusiasmos, mas ainda um período de sobrecargas e de lento desenvolvimento dos esforços, especialmente em assuntos econômicos e agrícolas, e os relacionados com construções e minerações.

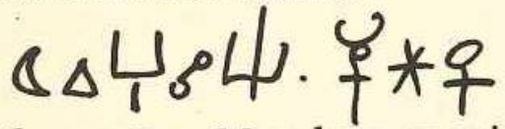
2 -  Dificuldades diplomáticas, de ajustamento e convergência de opiniões surgem nestes dias. Deve-se evitar as discussões e que possa trazer desentendimentos. Não é um período favorável para a arte, o que se relaciona à justiça, a assuntos emocio- e o que se quer criar de harmonia externa. O trígono de Mercúrio com Júpiter indica que por outro lado pode haver alguma adaptação que auxilia a vencer divergências. Para assuntos comerciais, comunicações e transportes e para o ensino, é positivo.

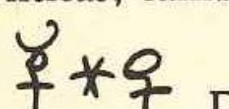
3 -  Aspectos contrastentes entre Mercúrio com Júpiter indicam as mesmas tendências do dia anterior. A oposição da Lua a Urano indica a possibilidade de surgirem protestos, choques, rompimentos e repentinas alterações que trazem reações coletivas. Instabilidades relacionadas ao magnetismo, eletricidade, comunicações por ondas e nos transportes aéreos e pesquisas espaciais. O trí-

gono da Lua com Saturno possibilita alguma estabilidade, firmeza e segurança em assuntos econômicos, construções, mineração, nas tradições culturais e o que se relaciona ao trabalho.

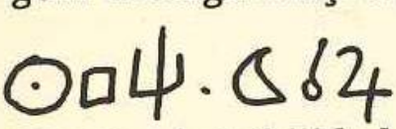
4 -  É um dia em que pode haver maior possibilidade de entendimentos e ajustamentos, vencendo-se as discordâncias que surgiram nos dias 2 a 3. Pode haver entendimentos verbais positivos, êxito em negócios, atividades artísticas e diplomáticas. A quadratura da Lua com Marte traz tendência aos acidentes, choques, incêndios, mas há ao mesmo tempo as proteções.

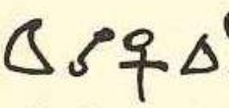
5 -  Lua em quadratura a Sol e Saturno traz um momento de lento desevolvimento dos assuntos econômicos, quedas na bolsa, instabilidades geradas pelas dificuldades agrícolas, de trabalho. Podem surgir paralizações. O aspecto traz também tendência aos terremostos e abalos sísmicos, movimentos da crosta terrestre. Há também possibilidades de perdas do patrimônio histórico e cultural. Deve-se evitar assumir responsabilidades grandes demais, e iniciar o que pode ser difícil de ser reconhecido.

6 -  Dia de reorganização e renascimento, transformações. Mas deve-se evitar tóxicos, o que traga confusões, boatos e mal-entendidos. Surgem dificuldades com a poluição, instabilidades políticas, cambiais e financeiras.

7 -  Dia positivo para entendimentos, para assuntos artísticos, atividades comerciais e o que precisa ser feito com harmonia. Para as atividades diplomáticas e ligadas a estética, à elegância e ao embelezamento, é um dia de êxito e de movimentações, propaganda e publicidade positiva.

8 - Igual ao anterior, embora um pouco dinâmico, renovador e trazendo progresso para a ciência. Deve haver neste dia decisões governamentais em benefício do povo, ao mesmo tempo que surgem desorganizações e lutas com a inconsciência coletiva.

9 -  inicia-se um aspecto passivo entre Sol e Netuno, que traz instabilidades financeiras e políticas, situações instáveis devidas a boatos e mal-entendidos. Podem surgir dificuldades com a poluição, com as navegações marítimas, com a higiene pública, medicina. A conjunção da Lua e Júpiter pode trazer algum entendimento positivo entre as autoridades.

10 -  Igual ao anterior, sendo também passivo para o que se relaciona a artes, mas trazendo desenvolvimento em assuntos de comucação, de publicidade.

CONTINUA NO Nº. 1.

O conhecimento hermético da natureza vivente

por Julius Evola

Esta seção pretende apresentar, em cada número, um texto essencial da tradição astrológico-hermética, de leitura obrigatória para a compreensão dos fundamentos da astrologia, e difíceis de encontrar em língua portuguesa. O presente texto é talvez a exposição mais sucinta da visão do universo que dá base às ciências herméticas como a astrologia e a alquimia. Seu autor, o filósofo e hermetista italiano **Julius Evola**, *foi durante algum tempo discípulo de René Guénon. É autor de dezenas de livros marcados pela erudição quase inacreditável que abarca todas as religiões e tradições do Oriente e do Ocidente, pelo rigor da sua lógica, pelo ataque implacável a todas as mistificações com que o mundo moderno cercou desvia o homem do verdadeiro conhecimento hermético, e finalmente pela defesa intransigente da integridade humana como critério para a avaliação de qualquer atividade proposta como "espiritual".*

A tradição hermético-alquímica forma parte do ciclo da civilização pré-moderna, tradicional. Para compreender seu espírito é preciso transladar-se interiormente de um mundo a outro. Quem empreenda seu estudo sem haver-se situado em posição de poder superar a mentalidade moderna e de despertar em uma nova sensibilidade que o ponha em contato com o tronco espiritual geral que deu vida a tal tradição, só conseguirá encher a cabeça de palavras, signos e alegorias extravagantes.Por outro lado, não se trata só de uma simples condição intelectual. E preciso ter em conta que o homem antigo não só tinha um modo diferente de pensar e de sentir, mas também um modo distinto de *perceber* e de *conhecer.A base da matéria de que nos ocuparemos, como compreensão e como realização, é evocar, graças a uma certa transformação da consciência, essa diferente modalidade.*E só então surgirá em certas expressões uma luz inesperada, certos símbolos se converterão em meios para um despertar interior, admitiremos novos vértices de realização humana e compreenderemos como determinados "ritos" podem adquirir um poder "mágico" e operativo e constituir-se em uma *ciência* que, de resto, não tem nada a ver com o que hoje circula sob este nome.

O ponto fundamental refere-se à experiência humana da natureza. A relação do homem moderno médio com a natureza não é a predominante no "ciclo" pré-moderno ao qual, com muitas outras, pertence a tradição hermético-alquímica. A natureza esgota-se hoje em um conjunto de leis puramente pensadas, acerca de diversos fenômenos — luz, eletricidade, calor, etc. — que desfilam diante de nós, carentes de todo significado espiritual, fixadas unicamente por relações matemáticas. No mundo tradicional, pelo contrário, a natureza não era *pensada*, mas *vivida* como um grande corpo animado e sagrado, "expressão visível do invisível". Os conhecimentos a seu respeito vinham dados por inspirações, intuições e visões, e se transmitiam "iniciaticamente", como mistérios vivos; referiam-se a coisas que hoje, quando se perdeu seu sentido, podem parecer triviais e de domínio comum — como por exemplo a arte de construir, a medicina, o cultivo do solo, etc. O *mito* então não era uma ideação arbitrária e

fantástica: provinha de um processo *necessário*, no qual as mesmas forças que constituem as coisas atuavam sobre a faculdade plástica da imaginação, parcialmente disseminada pelos sentidos corpóreos, até o ponto de dramatizar-se em imagens e figuras que se insinuavam entre a trama da experiência sensorial e a completavam com um toque de "significado".(1)

"Universo, atende á minha prece.Terra, abre-te! Que a massa das águas se abra para mim. Árvores, não tremais! Que o céu se abra e os ventos se calem! Que todas as faculdades celebrem em mim o Todo e o Uno!" São expressões do hino que os "filhos de Hermes" recitavam ao começar suas sagradas operações (2) : tal era o estado a que eram capazes de elevar-se, e que ressoa de maneira mais impressionante ainda nesta outra fórmula:

As portas do Céu estão abertas;
As portas da Terra estão abertas;
A via da Corrente está aberta;
Meu espírito foi escutado por todos os deuses e gênios:
Pelo espírito do Céu — da Terra — do Mar — das Correntes.(3)

E tal é o ensinamento do *Corpus Hermeticum*:"Eleva-te por cima de toda a altura; desce mais além de toda profundidade: concentra em ti todas as sensações das coisas criadas: da Água, do Fogo, do Seco e do Úmido.Pensa encontrar-se simultaneamente por toda parte, em terra, no mar e no céu; pensa não ter nascido nunca, ser ainda embrião: jovem e velho, morto e além da morte. Compreende tudo ao mesmo tempo: os tempos, os lugares, as coisas, as qualidades e as quantidades."

Essas possibilidades de percepção e de comunicação, essa aptidão para os contatos, apesar do que hoje se possa crer, não eram "lirismos", ênfases de excitações supersticiosas e fantásticas. Pelo contrário, formavam parte de uma experiência tão real quanto a das coisas físicas. Mais concretamente: *a constituição espiritual do homem das "civilizaçẽs" tradicionais era tal que toda percepção física tinha simultaneamente uma componente psíquica, que a "animava", juntando à imagem desnuda um "significado" e ao mesmo tempo um especial e poderoso tônus emocional.*(4) Assim é como a antiga "física" podia ser ao mesmo tempo uma teologia e uma psicologia transcendental: pelos clarões que, através e por baixo da matéria proporcionada pelos sentidos corporais, chegava das essências metafísicas e, em geral, do mundo supra-sensível. A ciência natural era simultaneamente uma ciência espiritual e os muitos sentidos dos símbolos refletiam os diversos aspectos de um conhecimento único.

Sobre essa base é que é preciso entender todo o sentido da ciência hermético-alquímica: em certo sentido, poderíamos chamá-la também uma "ciência natural", porém prescindindo por inteiro de tudo aquilo que este termo possa evocar em nossas mentes por seu significado atual. Já a denominação medieval de *filosofia natural* expressa pelo contrário, a síntese dos dois elementos que hoje se acham em dois planos separados, um de intectualidade irreal (filosofia) e outro de conhecimento material (ciência). Porém, dado o caráter de unidade orgânica, de *cosmos*, que o universo apresentava para o homem tradicional, neste conhecimento "natural" estava implícita também uma força *anagógica*, isto é, a possibilidade de elevar-se também a um plano transcendente, metafísico.

---

(1) F.W. Schelling, *Einleitung im die Philosophie der Mytologie*, S. W., II Abt.t. I, pp. 192, 215-217, 222; Julius Evola,*Introduzione alla magia*, vol. III, p.66.

(2) *Corpus Hermeticum*, XIII, 18.

(3) *Papiro V de Leyden* (M. Berthelot, *Introduction à l'étude de la chymie des anciens*, Paris, 1889).

(4) As investigações das chamadas "escolas sociológicas" (Durkheim, Lévy-Bruhl, etc.) chegam hoje a algo muito semelhante no que diz respeito às formas de percepção dos povos chamados "primitivos"; os quais, na realidade, não são "primitivos", mas resíduos degenerescentes de ciclos de civilizações de caráter pré-moderno.

NOTA DA REDAÇÃO — O presente texto é extraído de Julius Evola, *La Tradizione Ermetica*, Roma, Edizione Medi terrànee,1972; tr. francesa,*la Tradition hermétique*, Paris, Villain et Belhome, Editions Traditionelles; tr. espanhola, *La tradición hermética*, Barcelona, Martinez Roca.

As signaturas celestes na medicina medieval

por Léon Vannier

Léon Vannier, *profundo conhecedor e defensor incansável da astrologia, foi um dos maiores médicos homeopatas de todos os tempos. Fundador do* **Centro Homeopathique de France** *e da revista* **l'Homeopathique Française,** *é também o criador de um "estilo" peculiar no diagnóstico e na clínica, hoje disseminado entre os homeopatas de todo o mundo. Entre outras obras, escreveu* **La doctrine de l'homeopathie, Précis de matiére médicale homeopathique, La Pratique de l'homeopathie e La Tipologie et ses applications thérapeutiques,** *de onde foi extráido este texto. Aqui, o dr. Vannier dá uma idéia do universo médico e astrológico medieval e das diferenças que separam os grandes astrólogos, como Paracelso e Crollius, da astrologia vulgar da época.*

A opinião comum na Idade Média é que os astros têm uma ação profunda sobre os indivíduos. Uns dependem de Marte, outros de Saturno; alguns estão submetidos a Júpiter, outros a Vênus. Assim, cada indivíduo se encontra sob o domínio de um planeta que determina e justifica sua ações.

O observador busca obstinadamente reconhecer quais são as influências astrais ou planetárias que imprimem à vida do Ser humano uma direção fatal, um destino inevitável. Seu modo operatório é variável: ora ele observa os astros para *determinar o futuro* do indivíduo e descobrir as etapas do seu destino; ora ele *observa o indivíduo* mesmo, para descobrir nele as "*signaturas astrais*", quer seu exame abarque o conjunto do indivíduo ou somente uma região tal como o rosto ou a mão.

Astrologia, Fisiognomonia, Quiromancia, tais são os três processos que são postos em uso, mas o princípio diretor permanece o mesmo: Macrocosmo e Microcosmo, o que está em cima está em baixo e vice-versa. *A Lei de Analogia domina toda a Criação:*
Nature s'esjoit de Nature,
Le semblable va au semblable.

O Ser é o reflexo do universo e o conhecimento supremo consiste em reencontrar o "*acordo*" que une o homem a Deus, observando a "*expressão significativa*" do seu destino.

Obras muito curiosas são então publicadas, trabalhos na maior parte obscuros e difusos, frequentemente de propósitos vagos e nebulosos, nos quais reencontramos constantemente a mesma nomenclatura astral: *Saturno, Marte, Sol, Vênus, Júpiter, Mercúrio, Lua.*

Tais são os astros que influem sobre os destinos humanos, sobre os caracteres, as faculdades, as paixões e os temperamentos. Influências benéficas e maléficas sendo admitidas, o Destino é representado com um determinismo absoluto. O Ser humano, submetido a forças misteriosas das quais não pode se esquivar, deve *sofrer seu destino* sem poder subtrair-se.

Uma reação não tarda a operar-se nos espíritos refletidos, que não desejam que a ciência seja "ocultada" pela crença de falsos sábios cuja única tarefa parece ser a de querer "predizer" o futuro de infelizes condenados.

"*Nós temos os planetas em nós*", escreve Paracelso.

"Acreditai que é uma coisa necessária explicarmos o Microcosmo. Tal como o céu com todo o seu firmamento, suas

CONTINUA NO Nº. 1. AGUARDE O LANÇAMENTO EM MARÇO.

Das "ciências humanas" à ciência hermética

Gilbert Durand, Science de l'homme et Tradition. Le "nouvel" esprit anthropologique, Paris, Tête de Feulles - Sirac (Cr$300,00. São Paulo: Zipak, Fretin, Francesa; Rio: Laissue, Psique).

As ciências humanas surgiram do intento de formar uma imagem do homem que fosse tão exata quanto aquela que se julgava ter alcançado a propósito do universo físico. O primeiro passo dessa operação consistiu em rejeitar a imagem tradicional do homem como microcosmo formado à imagem e semelhança de Deus (ou dos deuses). O segundo, em tentar explicar o homem mediante um ou vários dos processos históricos, culturais e biológicos que o formaram.

Passado um século, qual o balanço dessa tentativa? A situação atual pode ser descrita assim:

1. A imagem do universo físico criada pelas ciências da matéria, e na qual as ciências humanas, ao surgirem, buscaram seu modelo e paradigma, demonstrou não ser tão exata quanto parecia. A evolução extraordinária desde a física mecanicista do século passado até a moderna física dos *quanta* não pôde ser acompanhada pelas ciências humanas.

2. A imagem do homem fragmentou-se num no cadinho das *explicações* sociológicas, psicológicas, históricas, etc. que ora reduziam o homem a um joguete das forças de produção, ora o decifravam pelo agenciamento dos instintos subconscientes, ora o transformavam em repetidor automático dos mecanismos da linguagem, ora o explicavam como rato de laboratório reagindo mecanicamente aos estímulos e respostas do mundo exterior. Depois de um século de ciências humanas, o objeto dessas ciências tinha desaparecido: "o homem" tinha cedido lugar às estruturas, aos modelos, às múltiplas chaves que só se abriam para enigmas e contradições cada vez maiores.

Não se terá havido um erro básico na origem das ciências humanas? A imagem tradicional do homem microcosmo não será algo inerente à condição humana, algo que não se pode "decifrar" ou "desmontar" sem perder *ipso facto* o *sentido* mesmo daquilo de que falamos?

Esse o tema — dramaticamente atual — do último livro de Gilbert Durand, professor de Ciências Humanas na Universidade de Paris e um dos líderes do renascimento astrológico no ambiente universitário francês.

"A tese que desejaríamos ilustrar e defender — diz ele — é que o "sentido" da imagem do homem — isto é, aquilo que faz com que a imagem do homem seja um símbolo, que ela remeta a um significado vivido — não se recupera precisamente exceto se a separamos das "metamorfoses", isto é, das várias "derivações" que tiveram a ambição de "forçar" o sentido simbólico para substituir a ele a dissecação não vivida dos conceitos, das definições claras e distintas, das longas cadeias de razão."

A imagem do homem não é um simples produto da história e da cultura, que pode ser revogado pelo progresso histórico ou pela dissecação das suas partes componentes, mas a própria base da existência humana enquanto tal, e portanto a base da atividade racional. A atividade racional não pode se voltar sobre ela, para analisá-la, assim como um homem não pode sentar-se num galho de árvore para podá-lo, nem trocar o pneu do carro em movimento. Ela é uma síntese e a fonte da unidade do homem: ao analisá-la, o homem simplesmente se fragmenta.

Essa tese — arrojadamente revolucionária no panorama atual das ciências humans — soa estranhamente familiar aos hermetistas e astrólogos, acostumados a remeter todo o conhecimento humano à base perene constituída pelo *assim como é cima é em baixo.*

Por um estranho paradoxo, foi o progresso das mesmas ciências humanas que levou a esse retorno da imagem estática e perene por baixo de todas as transformações aparentes: "Os progressos recentes da ciência antropológica tendem a demonstrar que o *anthropos* não evoluiu desde o seu aparecimento sobre a Terra.(...) Os

belos trabalhos de Leroi-Gourhan e os de Jean Servier mostram bem que o evolucionismo e com mais forte razão os historicismos, são mitos produzidos pelo homem, e não que produzem o homem, e que a evolução é um fenômeno muito lento, utilizando uma duração ainda mais longa do que a "mais longa duração histórica", um tempo de escala geológica durante o qual o a espécie humana nem se mexeu". Por toda parte se reencontra a perenidade da imagem humana, "seja quando Lévi-Strauss declara — contra toda escola evolucionista — que "o homem sempre pensou igualmente bem", seja quando a psicanálise, a etnologia psicológica, a psicologia das profundezas convergem para nos mostrar que *os mesmos desejos, as mesmas estruturas afetivas, as mesmas imagens se repercutem no espaço como no tempo de um ponta a outra da humanidade*. A afirmação científica da perenidade da espécie tende a substituir hoje a *anthropology* (ciência antropológica), pela tradicional *antropologia filosófica*: a imagem tradicional do homem, a *philosophia perenis* do homem".

Ao fio desse argumento, o prof. Durand vai fazendo saltarem vários ídolos do pensamento moderno, construtores de "sitemas" e de falsas seguranças (um Comte, um Hegel, um Marx) e reencontrando aqueles que, pensando com independência, atravessaram a era das explicações e reduções mantendo viva a imagem do homem-microcosmo: platônicos e neoplatônicos, hermetistas, alquimistas, astrólogos, gnósticos, mas ainda um Goethe, um Steiner, um Spengler, um Weber, um Cassirer, um Jung.

Um livro admirável, de leitura obrigatória a todos os que não julgam que a astrologia e o hermetismo podem dispensar um confronto com o conhecimento científico do nosso tempo. (*Olavo de Carvalho*)

QUADRANTE

Brasil 1979: um renascimento cultural?

O mapa do ingresso do Sol em Áries mostra Vênus no Ascendente em Aquário em ângulo favorável com Netuno e Plutão e o Sol na III Casa, em trígono com Júpiter: um grande ano para a imprensa e a possibilidade de um renascimento artístico e cultural.

"Os povos e países", escreveu há pouco Antonio Callado, "se definem pelos deuses em que acreditam". O mapa astrológico de um — país calculado para uma data particularmente importante na formação da nacionalidade, por exemplo uma declaração de independência — é antes de tudo a expressão do mito nacional: quais os deuses em que um povo crê, quais são seus ideais e como esses ideais se relacionam entre si: o tema inicial, o quadro de partida da epopéia nacional.

Os trânsitos e progressões (movimentos reais e simbólicos dos planetas), com base nos quais se fazem anualmente "previsões" astrológicas, assinalam as transformações por que passam essas crenças e, portanto, o estado de espírito nacional num certo momento, seus anseios e temores. Devem ser entendidos como conjunto, como descrição integral e geral da situação, e não isoladamente, presisão por previsão.

No mapa da independência do Brasil, o Ascendente (signo oriental, que designa a aparência, o estilo visível de vida de uma comunidade) se encontra a 22 graus do signo de Aquário, assinalando o povo brasileiro com uma característica amena, amigável, porém não muito emocional e afetiva. Aquário é o signo da amizade, do amor fraterno.

Esoterismo • Parapsicologia • Espiritualismo • Hermetismo • Filosofia • Psicologia • Controle Mental • Ioga • Ufologia • Antropologia • Realismo Fantástico • Tradição • Artes Marciais • Astrologia • Biorritmos • Arqueologia • Medicinas Diferentes • Religiões

Diretamente ou pelo Reembolso Postal

Para receber livros da **Zipak** pelo Reembolso Postal basta enviar carta com relação dos títulos e autores desejados junto com seu nome, endereço e código postal. A **Zipak** lhe entregará no prazo máximo de 15 dias, qualquer livro disponível no mercado, nacional ou estrangeiro, sem nenhum acréscimo além das taxas normais de Correio.

ZIPAK

Zipak Livraria Editora Ltda.
Rúa Dr. Vila Nova, 142 – Vila Buarque
CEP 01222 – São Paulo
Telefone: 259-2560

Não estude mais do que o estritamente necessário.

Alguém disse que a cultura é aquilo que sobra em nós quando esquecemos tudo o que aprendemos. Do mesmo modo que um alimento rico não é aquele que é grande em volume, mas aquele que deixa em nós um fundo de energia para dispendermos na vida diária. Os cursos de **Deucalion** são exatamente isso:o mínimo de informação para um máximo de compreensão. A cultura e o esoterismo vivos, não os de museu. Este é o nosso programa para o mês de março: astrologia como atividade intelectual viva, cheia de sugestões fascinantes para a mente moderna; mitologia como mergulho nas raízes da existência humana; hinduísmo sem misticismo nem distorções: conhecimentovivo desde a fonte mesma da Tradição. Não encha sua cabeça de informações desconexas: nós lhe ensinamos apenas o necessário.

Cursos que **Deucalion** programou para março e abril:

Fundamentos da Cultura hindu: com Walter Alvarenga, ex-aluno de Swami Dayananda na Academia de Conhecimento Védico Sandeepany Sadhanalaya, de Bombaim.

Introdução à astrologia geral.
Com Olavo de Carvalho, astrólogo e jornalista, diretor da revista **Júpiter**, organizador do I Colóquio Brasileiro de Astrologia e do Pequeno Seminário de Astrologia.**Cálculo de mapas astrológicos** eArte e **Técnica da Interpretação Astrológica.** Com Antonio Carlos Harres, astrólogo, discípulo de Emy de Mascheville, diretor do Centro de Pesquisa e Difusão de Astrologia Científica. **Esboços de mitologia.** Com Norma Telles, antropóloga e professora universitária com cursos de especialização nas Universidades de Paris e Berkeley.

Informações e inscrições: r. Dr. Vila Nova, 142, fone 259-2560 (D. Neliana), ou r. Cardoso de Almeida, 1005, casa 1, fone 864-6603 (D. Thereza).